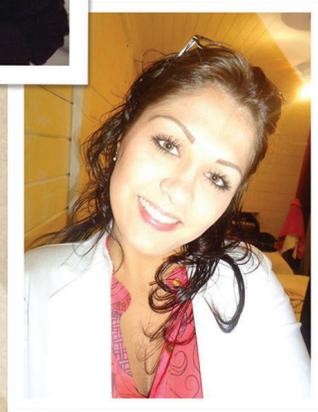


HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



HISTÓRIAS

que merecem ser contadas 

Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Mack Léo Pedroso
Diretor-Geral

Janaína Marques Silva
Diretora Adjunta

Fabio Roberto Moraes Lemes
Chefe do Departamento de Ensino

Guilherme Reichwald Jr
Coordenador do Curso de administração

Suzana Trevisan
Organizadora e Editora

Clarissa Felkl Prevedello
Programação Visual

Sapucaia do Sul, outubro de 2014.



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração

Apresentação

Queridos leitores,

O projeto “Histórias que Merecem ser Contadas” está na terceira edição e tem como objetivo (re)construir e valorizar narrativas significativas, além de aprender aspectos linguísticos. Os alunos da turma 4F (do curso técnico em Administração – modalidade Proeja) foram provocados a narrar um acontecimento relevante de suas vidas e a refletir sobre a seleção dos episódios e estratégias de narrativa. Além disso, recursos coesivos, pontuação, ortografia e concordância foram temas para a aprendizagem.

Convidamos os leitores a apreciar e aprender um pouco com as nossas experiências e desejamos que a leitura seja prazerosa.

Professora Suzana Trevisan



Sumário

- 5 *A vida ensina a viver* | Izabel Eliane Marion Valim
- 6 *A história de Carmen* | Darlise Nunes da Silva
- 7 *Casa Materna* | Carlos Martins da Silva
- 7 *Bolacha Mágica de Natal* | Rita Cristiane Nunes de Oliveira
- 8 *A trágica sina dos Murussi* | Nara Regina Prestes Carlotto
- 9 *Coincidências da vida* | Rosane de Almeida da Silva
- 10 *O conto de Mário* | Ivan Prates
- 10 *A casa nova do Parque Esmeralda* | Junior Cezar Dourado de Araujo
- 12 *Eu, o velório e o fantasma* | Paulo Afonso Guterres Marques
- 13 *Um paraíso nas férias* | Marize Dias Bica Ferreira
- 14 *Ser mãe* | Daiani Espindula Cristiano
- 15 *A distância do tempo* | Alex da Silveira Dias
- 16 *A busca pela felicidade* | Fabiane Amaral de Lima
- 17 *Depoimento: Um fim para um recomeço* | Luciana da Costa da Silva

A vida ensina a viver

Izabel Eliane Marion Valim

Contarei a história de Bianca. Essa história nos ensina algumas lições de vida.

Bianca era uma moça perfeita, tudo nela era lindo: seu rosto parecia um raio de sol dourado, resplandecia beleza. Seu corpo parecia ser feito a pincel, pelas tão perfeitas curvas. Por onde passava, causava espanto nas pessoas, diante de tanta beleza. Mas o mesmo não acontecia no seu interior.

Era uma moça arrogante, tinha um coração gelado, nada a comovia. Só pensava em si mesma, humilhava as pessoas e se sentia superior a elas. Tinha tudo o que queria e também um namorado lindo e desejado. Na faculdade onde estudava, adorava humilhar as colegas inferiores a sua beleza.

Havia uma garota gorda e sem graça que se chamava Nina. Essa sempre tentava chegar perto de Bianca, talvez, para tentar uma amizade. Mas sempre era ofendida, pois a moça a chamava de gorda, de “menina balão”. A bela sorria e saía de perto dela dizendo que iria explodir. Assim, ela levava a sua vida medíocre, mas de glória e ostentação.

Um dia saiu da escola com seu namorado para participar de um racha em uma avenida bem movimentada. Entrou no carro com uma pose exuberante e puxou o espelho para ver seu rosto perfeito. Mais uma vez tinha certeza de que estava impecável.

Seu namorado deu a partida no carro e logo passou dos 150 km/h. De repente, veio um carro em sua direção e atingiu o lado de Bianca, que desmaiou na hora. Depois de 5 dias em coma, ela recuperou a consciência em um dos melhores hospitais da cidade.

Viu que algo estava errado, pois sentia todo o corpo, mas parecia tudo escuro. Quando levou a mão ao rosto, notou que estava todo coberto por curativos. Começou a gritar desesperadamente pedindo socorro. Logo veio a enfermeira e, junto dela, sua mãe para tentar acalmá-la e explicar o acontecido.

A moça foi atingida somente no rosto, que ficou totalmente desfigurado. Sua mãe tentava encorajá-la dizendo que pagaria uma plástica com o melhor médico do exterior e ela voltaria ao normal. Os dias foram passando e ela voltou pra casa, com suas ataduras cobrindo o rosto. Dois dias depois, o médico da família apareceu para tirá-las.

Bianca estava morrendo de medo de se ver no espelho e quando se olhou teve um choque. Aquele rosto perfeito agora estava todo deformado e causaria pânico em qualquer pessoa. Ela entrou em desespero, trancou-se em seu quarto, não queria ver ninguém. Mas, aceitou a visita de seu namorado, que ao vê-la, saiu correndo e nunca mais chegou perto. Isso acabou com todos os seus sonhos, pois aquele homem que ela achava que a amava agora fugia dela como se tivesse fugindo de um monstro.

A moça ficou um ano em seu quarto, sem ver ninguém. Parou de estudar, de sorrir e de viver. Depois de muito tempo e com incentivo da família, resolveu voltar à faculdade, pois um dos melhores cirurgiões do exterior diagnosticou que não teria como reconstituir seu rosto. Ao chegar lá, seus colegas e antigos amigos a olharam com espanto e desprezo, zombaram de sua pavorosa aparência. Agora, ela se encontrava sozinha, feia e infeliz.

Só aquela menina gordinha e sem graça que ela humilhava lhe acolheu com um caloroso abraço, falando que não importava como ela estava, só queria ser sua amiga. Bianca aprendeu uma grande lição de vida, viu que ser linda, famosa e rica tinha deixado ela sem coração para perceber o verdadeiro valor das pessoas, que é seu caráter.

A história de Carmen

Darlise Nunes da Silva

Minha irmã Carmen é a filha mais velha de sete irmãos. Costumo dizer que é a mais sofrida. Por ter vindo primeiro do que nós ao mundo, cuidou de cada um quando éramos pequenos. Aos 14 anos começou a trabalhar cuidando de crianças, pois com sua vasta experiência cuidando de nós, seus irmãos, havia aprendido muito bem.

Mudou-se do interior de Rosário do Sul para Porto Alegre, indo morar com minha tia. A víamos ao menos uma vez por ano. Esses dias eram muito esperados por nós, pois a saudade era forte. Principalmente eu esperava ansiosa, pois era certo que me traria um presente, quase sempre uma boneca. Trazia também fotos de lugares e cidades que nem sonhávamos um dia conhecer. Lembro da primeira vez que vi o mar. Foi em uma foto onde ela estava: um lugar muito bonito, perto de umas pedras com o mar atrás.

Com o passar dos anos, conheceu o amor da vida dela. Casaram-se e algum tempo depois ela descobriu que estava grávida! Estávamos todos muito felizes, mas algo não estava muito bem: o neném, “Lucas” viveu em seu ventre apenas poucos meses. Depois disso, descobriu que não poderia mais ter filhos.

Passou-se mais ou menos um ano e seu corpo ganhava formas estranhas. Estava sempre muito inchada e indisposta. Foi ao médico e depois de exames foi constatado “LUPUS” (uma doença autoimune, que pode afetar a pele, as articulações, os rins, o cérebro e outros órgãos). Nela, alojou-se em seus dois rins. Iniciou o tratamento com remédios, mas não obteve sucesso. Foi diagnosticada, então, falência de seus dois rins que pararam imediatamente de funcionar. Resultado: necessidade de Hemodiálise.

Começou a primeira sessão de muitas e prosseguiu durante oito anos seguidos, sem tréguas, pois estava na fila para receber doadores. Até aquele momento, nenhum era compatível. Durante sessões que sacrificavam seu corpo, quase nos deixou por quatro vezes, pois enquanto todo sangue de seu corpo era filtrado, teve paradas cardíacas. Quando o hospital ligava era um terror, uma aflição sem fim para todos nós!

Minha irmã estava muito magra e a cor de sua pele era muito escura, seus olhos sempre muito parados e sem vida. Estava tão abatida, parecendo que não ia durar muito entre nós. Minha Mãe, abalada, se sentia fraca perante aquela doença que estava levando sua filha. Então, teve a feliz ideia de conversar com os médicos sobre a possibilidade de ser a doadora.

Exames feitos, resultados perfeitos: 100% compatível! Previsão de doação: o quanto antes! Cirurgia já feita, simplesmente nota 10! Hoje se passaram 19 nos. Ela continua com seus dois rins e com o outro doado por minha mãe. Após a cirurgia, os médicos lhe deram uma estimativa de vida de 12 anos, que é a média dos transplantados. Aos 15 anos de transplante, ganhou uma festa com direito a anel. Está forte e com muita saúde.

Minha Mãe, uma exemplar Mãe, vive apenas com um de seus rins. É muito saudável e vive na maior alegria por ter salvado sua filha e auxiliado na luta contra essa doença. Além disso, se orgulha por ter sido a responsável por ter feito Carmen nascer duas vezes nesse mundo!

Casa Materna

Carlos Martins da Silva

Gramas altas e verdes na entrada da área da casa e o portão de madeira caindo. A cozinha vazia, a mesa farta com pão caseiro, queijo colonial e manteiga fresca, o fogão de lenha aceso, leite quente e café. Chaleira cheia de água pronta para o chimarrão.

A casa materna ao silêncio das crianças já adultas e a imagem dela no grande tanque de cimento a lavar roupas, aguardando a hora de preparar o almoço.

Os anos passaram e os filhos adultos construíram famílias. A casa não existe mais e a imagem da mãe está no pensamento, com muita saudade e lembranças. Porém, se o tempo regredisse, a felicidade seria completa, pois no tempo de hoje passo a recordar a casa materna. A mãe falecida há trinta e quatro anos e o quintal da casa se transformou em granja de soja.

Eu e meus irmãos nos mudamos para cidade. Aqui nós não temos as fartas mesas com as iguarias da colônia e nem o fogão de lenha. No entanto, temos mais conforto e luxos da cidade.

Bolacha Mágica de Natal

Rita Cristiane Nunes de Oliveira

Desde a minha infância, sempre tive um amor grande pela minha avó materna, que também demonstrava gostar bastante de mim. Todos os primos diziam que eu era a sua preferida.

Eu chamava minha avó de Vinóca, um apelido que meu avô lhe dera quando se conheceram. Seu nome de batismo era Alvina. Ela tinha sete filhos, três eram mulheres, uma delas minha mãe, os outros quatro eram homens, só o mais velho não lhe deu netos.

Sempre que a visitávamos, ela não nos deixava sair sem tomar café com bolachas. Nunca faltava o “bolachão”, uma bolacha grande e quadrada. Na época de natal ela também fazia umas especiais, com bolinhas em cima. Ficava muito contente ao ver os netos comerem. Todos os natais eram assim, só ela tinha a receita das tais bolachas, por sinal, muito gostosas, todos adoravam. Essa receita nunca fora compartilhada com ninguém, nem ao menos com suas filhas. Elas só observavam a vó fazendo.

Seus filhos não tinham um convívio muito intenso, às vezes tinham desavenças e até brigavam entre eles. Infelizmente, sempre havia um irmão sem falar com o outro. Foi então que minha vó Vinóca, com sua idade avançada, quase 80 anos, começou a dar trabalho (como diziam meus tios). Ela ficava doente e ninguém queria cuidar dela, ou pelo menos ajudar. Somente minha mãe e minha tia mais nova.

Com seus 84 anos, no começo de dezembro de 2002, a minha vizinha querida baixou no hospital com pneumonia, com um agravante: fumava desde criança. Com o passar dos dias ela começou a piorar, não andava nem falava mais. Para comer já estava utilizando sonda. Poucos ficavam com ela no hospital. Às vezes eu ia, mas tinha filha pequena e por isso as visitas eram mais difíceis.

Estava chegando o natal e os outros filhos começaram a se distanciar. Nós ainda não tínhamos programado nada. Ficou combinado, um final de semana antes da celebração, que minha mãe e minha tia passariam a noite de natal no hospital e o meu tio, que era solteiro, passaria o dia.

Por isso, minha mãe teve a ideia de fazer algo que ela pudesse comer. Lembrou logo das tais bolachas que vovó fazia, para que esta pudesse comer molhadas ao leite. Mas tinha um empecilho, ninguém tinha feito ainda, só a vovó fazia. Contudo, a minha mãe decidiu: “- Vou fazer do mesmo jeito, não custa nada tentar”. Parece que um anjo a iluminou, então rapidamente ela fez uma fornada porque já tinha pouco tempo.

No dia 24 de dezembro de 2002, logo após o almoço, minha mãe foi comprar os presentes das crianças. Ela tinha gêmeos com nove anos e ainda não tivera tempo para isso. O telefone tocou, eram três horas da tarde. Eu estava sozinha com as crianças em casa. Ao atender, percebo o choro da minha tia ao me dar a notícia do falecimento da minha vó Vinóca.

Foi aí que o inevitável aconteceu: passamos a noite do dia 24, toda a família junto com ela no velório, até quem não queria lhe fazer companhia neste dia. Foi o natal mais triste de minha vida. Todos comeram os biscoitos que minha mãe fizera.

Felizmente, os filhos da vó Vinóca, a partir desse dia, não tiveram mais desentendimentos e, por outro lado, minha mãe nunca mais acertou a receita. Por isso, para mim se tornou a magia das bolachas. Tenho certeza que a estrelinha da Vinoca deve estar brilhando lá em cima. Só a saudade justifica este meu relato.

A trágica sina das Murussi

Nara Regina Prestes Carlotto

Uma família comum, como tantas outras: assim era a família do meu tio. Como todo mundo, eles tinham problemas, pois meu tio bebia muito e nunca parava em emprego nenhum. Minha tia, por sua vez, lecionada e era quem dava duro, pois por muitas vezes era o salário dela quem mantinha a casa e garantia a criação dos seus dois filhos, meus primos.

Ao longo dos anos de casamento, minha tia sofreu muitas agressões físicas por parte do meu tio e os filhos, infelizmente, sempre presenciaram tudo. Foram anos difíceis, mas ela nunca desistiu do casamento. Os filhos foram crescendo e começaram a trabalhar, o que fez com que as coisas comessem a se ajeitar, até o dia em que meu tio ficou muito doente e faleceu. Foi um momento de tristeza, mas também de alívio, pois ele passava dia e noite bebendo e fazendo escândalos em todos os lugares em que ia.

Foi então que meu primo mais velho, Márcio, decidido a ajudar na criação da irmã caçula e no sustento da família, fez o concurso para a Brigada Militar e acabou entrando para o POE (Pelotão de Operações Especiais) em 2000. Cinco anos mais velho, Márcio era mais do que um irmão para Micheli, era um ídolo. O respeito e o carinho transformaram-se em admiração profissional quando o irmão contava as histórias de perseguição a suspeitos e prisão de criminosos. Micheli admirou a atitude do irmão e seguiu os passos dele: também entrou para o POE, em 2006. No início, ela tinha escolhido realizar o concurso em Alvorada, mas meu primo não deixou, porque sabia que lá o índice de violência é muito alto.

No dia 1º de agosto de 2008, o POE foi chamado para atender um caso. Meu primo tinha acabado seu plantão, mas se ofereceu para ir junto resolvê-lo. O chamado era sobre um roubo de carro que ocorrera em São Leopoldo. Os criminosos se esconderam em

um ferro velho, onde haviam feito um casal e duas crianças reféns. Quando a equipe chegou, foram recebidos com tiros e Márcio fora atingido. Como estava com colete à prova de balas, ficou caído devido ao impacto, ferido. O que não se esperava era que os assaltantes iriam até ele e atirariam mais quatro vezes, no peito e na cabeça. Ele foi levado às pressas para o hospital, mas não resistiu aos ferimentos e faleceu, com apenas 29 anos.

A situação deixou toda a família e amigos em choque, pois além de ser novo, deixava a mulher e três filhos, sendo um deles um bebê recém-nascido. Micheli, muito abalada, afastou-se das atividades. Abatida, viu-se diante de uma tristeza que não parecia ter fim. Ficou uma semana em casa e decidiu que estava pronta para voltar ao trabalho, dando sinais de que estava se recuperando.

Achando que nada podia ser pior, Micheli foi vítima de um acidente de trânsito na noite do dia 14 de agosto de 2008, durante uma perseguição na BR-116: duas semanas após a morte do irmão. Ela estava na viatura que perseguiu um motociclista que assaltara uma farmácia em Esteio. O motorista perdeu o controle do carro em um desnível da rodovia, o carro bateu em um meio-fio e capotou. Micheli bateu a cabeça e quebrou o pescoço. Chegou a ser levada ao hospital, mas não resistiu aos ferimentos e também faleceu.

Ao ser informada da morte de sua filha, minha tia Fátima desabou. A notícia foi dada diretamente pelo comandante-geral da Brigada Militar, que decidiu ir pessoalmente à casa da família, preocupado com a reação dela. Em duas semanas, Fátima perdeu os dois únicos filhos. Ela estava arrasada, desolada e sem reação. Com isto, ela passou a dizer que também queria morrer. Por um longo período, ela se fechou para a vida, vivendo sempre triste, sem vontade de sair e sem encontrar sentido para a vida.

Entretanto, com o passar dos anos e com a ajuda de vários familiares e amigos, Fátima voltou a fazer artesanatos e foi se ocupando, tentando preencher um pouco do vazio que sente.

Coincidências da vida

Rosane de Almeida da Silva

Surpresas felizes e tristes acontecem em nossas vidas. No começo desta história de amor, quem diria que nossos destinos estavam entrelaçados em uma data que nos trás tantas lembranças e saudades.

No ano de 1991 casei com o meu grande amor, tivemos o nosso primeiro filho e muitos planos. Anos mais tarde, decidimos em comum acordo que teríamos outro filho. Momentos de espera e expectativa no ano de 1998.

Exatamente no dia nove de fevereiro, que eu tenho o prazer de comemorar o aniversário de meu pai, minha filha nasceu para a alegria da família. Mas, ao mesmo tempo em que nos trouxe alegria, essa data trás para meu marido lembranças e momentos tristes, porque o dia nove de fevereiro marcou dezoito anos do falecimento de sua mãe.

A vida se encarregou de nos surpreender com o nascimento de nossa filha. Ela é um mistério, vem acompanhada de momentos felizes e tristes, independente do caminho que seguimos. Deus nos deu um presente e uma nova maneira de significar o dia nove de fevereiro.

O conto de Mário

Ivan Prates

Já havia se passado uma semana do prazo de entrega do trabalho e Mário não tinha escrito nenhuma sílaba sequer. Mas estava confiante, pois sabia que, uma hora ou outra a inspiração viria.

A sua professora deu um ultimato para a classe. Gostaria que hoje, até o final da aula, todos, ela disse todos, apresentassem o texto solicitado. O garoto ficou apreensivo com a declaração da professora e como de súbito, pegou o lápis e uma folha e começou escrever.

Não sabia muito bem o que estava produzindo. Pensou logo em um título, introdução e quais seriam os personagens e ambientes retratados. Foi então que se lembrou de Machado, Clarice e Carpinejar, de suas obras e quais seriam a influência em sua produção textual.

Nesse momento escreveu meia dúzia de palavras, tentando dar ordem e formular seu texto de maneira coerente. Refletiu da seguinte maneira, chegando a seguinte conclusão: ele e todos os escritores passam por este conflito na hora de sua produção, pois é algo difícil e complicado.

Ficou contente em perceber também que todos na vida tiveram que dar o primeiro passo e não desistiram: temos que ter garra e determinação se quisermos chegar a algum lugar e fazermos a diferença em nossas vidas, no nosso ambiente de trabalho e convívio social.

Imagine agora se estes escritores citados desistissem no primeiro momento de suas produções textuais. Não teríamos a dúvida trazida pela Capitu, a melancolia da Hora da Estrela ou a irreverência do Carpinejar.

Não se tem notícias de Mário, de que nota ele tirou naquele semestre, mas, sem sombra de dúvidas, ele teve um grande aprendizado.

A casa nova do Parque Esmeralda

Junior Cezar Dourado de Araujo

Meu Pai sempre teve casa própria. Como estava bem de dinheiro, resolveu não reformar a casa antiga e sim comprar uma novinha e alugar a velha que ele mesmo havia mandado construir.

Comprou uma casa recém-construída, em um bairro distante do nosso. O lugar era lindo, a casa bonita e enorme, tudo era grande: garagem, quintalão, quartão, salão, cozinha, banheiro e assombração. Sim, assombração. Tínhamos um *ÃO* a mais.

Meus pais nunca foram de nos assustar com este tipo de histórias. Diziam que era invenção das pessoas. Não éramos crianças medrosas. Somos num total de 6 irmãos. Na época deveria estar com meus 9 anos, minha irmã mais velha com seus 16, o mais novo com 7 anos. Somos 3 irmãos e 3 irmãs, que são mais velhas. Sou gêmeo com meu irmão Carlos.

Carlos foi o primeiro a ter contato com a “ÃO”. A “ÃO” era feminino, como de coisa que assombração tem sexo, não é? A casa nova tinha uma bela escada de alvenaria revestida de madeira e a ãO, gostava de ficar na escada ou no 1º andar da casa. Jamais a vimos ou a sentimos no térreo.

Todos meus irmãos, primos e tias que nos visitaram, de alguma maneira, disseram ter a visto ou aconteceu um fato estranho com eles. Meus pais sempre diziam ser invenção e coisas de pessoas medrosas.

Minha tia, a primeira vez que foi nos visitar, por infelicidade, resolveu ir dormir mais cedo. Estava cansada da viagem, por isso subiu para o quarto. Não esqueço daquele dia porque foi quando o Elvis morreu. Estávamos vendo o Jornal Nacional quando minha tia desceu aos prantos gritando, dizendo que uma mulher estava sentada ao lado da cama, olhando para ela. Ela, a princípio, pensou que fosse uma das minhas irmãs, mas logo viu que era uma pessoa maior. Ela não quis mais dormir no andar de cima.

Um outro episódio curioso aconteceu em uma noite quando me levantei da cama porque havia perdido o sono. Abri a janela do quarto e vi meu cachorro brincando no quintal. Ele, me vendo, ficou contente. Eu estava no quarto do 1º andar quando o Totó, o nome do meu cachorro, começou a rosnar de uma maneira violenta, mesmo estando tranquilo momentos antes. Estava enlouquecido me olhando. Parecia que ele estava vendo algo que eu não conseguia ver. Olhava para trás, para cima e não via nada, mas do nada também comecei a me apavorar. Corri e ascendi a luz. Fui para o quarto dos meus pais aos berros, gritando nem sei o porquê, mas fui. Acordei todos da casa por nada, não vi nada e ainda quase apanhei. Imagine o que o medo é capaz de fazer.

Um belo dia, minha irmã mais velha subiu para o quarto dela e aos prantos gritou para todos que uma mulher estava batendo na porta do quarto. A mulher a seguiu desde a escada até o quarto. Ela gritava. Minha mãe subiu assustada. Eu e meus irmãos não tivemos coragem de entrar na casa.

Já estávamos há quase um ano morando na casa do Parque Esmeralda e meus pais, que antes diziam que na casa não havia nada, já ponderavam no assunto. Um certo dia, uma vizinha veio nos visitar. Minha mãe perguntou se já havia morado alguém na casa. Ela disse que assim que a casa foi terminada, os únicos moradores foram minha família e que a casa era muito bonita mesmo, tanto por fora como por dentro. Minha mãe então perguntou pra ela se sabia de alguma coisa que já tivesse acontecido na casa. A vizinha disse algo que assustou muito minha mãe. Contou que a futura esposa do pedreiro, ao subir no andaime para entregar o almoço pra ele, caiu e morreu na hora. Minha mãe contou o fato para meu pai e o mesmo colocou a casa a venda.

Retornamos para nossa casa antiga que era menor, mas era tudo de bom. Não tinha o mais a ãO. Meus pais, muitos anos depois, relatam que viram a ãO algumas vezes, entrando em nosso quarto, foi quando eles resolveram saber o que estava acontecendo. Minha mãe nunca mais falou sobre o assunto.

Às vezes pensava que aquilo era fruto da minha imaginação e de meus irmãos. Mas o mundo é pequeno. Minha professora da 8ª Série, certo dia, chegou na sala de aula muito nervosa, pedindo desculpas. Nos contou uma história que me deixou arrepiado. Falou que as filhas dela, ela e o marido não dormiam mais. Perguntei a ela: “Professora, esta casa é no Parque Esmeralda, na rua tal, número tal?” Ela me diz “Sim...”

Eu, o velório e o fantasma

Paulo Afonso Guterres Marques

O local: uma cidade do interior, mais precisamente numa capela no interior de um cemitério. O horário: alguma coisa entre 22h00min e 01h00min. Eu, o motorista de Van, repousando sobre o banco traseiro do veículo. Fui subitamente acordado por um dos passageiros. O motivo: a chegada de um senhor desconhecido da família. Portador de deficiência física, apoiado em uma muleta daquelas antigas de madeira e na sua única perna, posicionou-se em frente ao corpo que estava sendo velado. Até aquele momento nada de anormal, se não fosse alguns detalhes bem estranhos: a região era pequena, todos se conheciam, mas ninguém nunca o vira antes. Chovia torrencialmente naquele momento.

Ninguém sabe como ele chegou nem ouviu barulho de carro se aproximando, ele simplesmente entrou. O homem vestia um terno preto extremamente alinhado e elegante e seu único pé de sapato era reluzente mesmo com pouca luz. Aproximou-se do caixão sem falar nada com ninguém não fez absolutamente nada a não ser ficar olhando para o caixão.

Após alguns minutos, como é de costume nos velórios do interior, alguém se aproximou dele e ofereceu-lhe uma xícara de café, foi nesse momento que tudo ficou muito complicado.

O homem rejeitou o café e disse “Eu só bebo vinho ou sangue”. Essa declaração fez com que as pessoas que estavam ali, na sua maioria mulheres, entrassem em pânico geral. Além do passageiro que foi me chamar, só havia mais um homem naquele local, que era motorista do carro funerário. Aliás, foi o primeiro a ficar com medo e foi embora.

Então sai da Van debaixo de muita chuva e fui até a capela ver o que estava acontecendo. As pessoas me disseram que o homem era um fantasma. Ao avistar esse homem, duas coisas me chamaram atenção: uma delas que mesmo com toda aquela chuva não havia nenhum pingo de barro no seu terno elegante e alinhado ou no seu único pé de sapato lustroso, nem se quer estava molhado.

Aproximei-me do homem e ao indagar se ele era algum parente ou o motivo de estar importunando as mulheres não me respondeu nada e continuou apenas a observar o caixão. Não me olhou nos olhos sequer uma vez.

Quanto mais eu me aproximava, mais ele se afastava. Outra coisa que me chamou atenção foi que por um momento me pareceu que seus olhos tinham o globo todo preto.

Quando o estranho percebeu que eu iria ficar ali com as mulheres até amanhecer, se dirigiu até uma área coberta que havia na parte de fora da capela. Enquanto isso, ao pegar uma xícara de café na cozinha, ouvi o relato mais detalhado das mulheres sobre as besteiras que o desconhecido disse.

Achei que era demais e resolvi ir lá na área para conversar melhor com ele. Para surpresa geral, ele não estava mais na área coberta. Simplesmente não estava mais lá, assim como chegou foi embora ninguém sabe como chegou e nem como foi embora. Não se percebeu nenhum barulho de carro entrando ou saindo que pudesse ter o levado. A chuva perdurou até a manhã.

Hoje quando encontro alguma pessoa que estava lá, rimos bastante do susto que elas levaram. Quanto a mim, não me assustei porque não acredito em assombração e fantasmas: penso que tudo pode ter uma explicação lógica. Essa é uma história real e aconteceu comigo.

Um paraíso nas férias

Marize Dias Bica Ferreira

Aos três anos de idade perdi meu pai. Ele morreu em um acidente de trabalho. Morava no interior de Rio Pardo e aos seis anos minha mãe decidiu ir morar na cidade grande, pois lá havia mais oportunidade de trabalho para mulheres. Mudamos para Sapucaia do Sul, que do interior levava umas duas horas de ônibus. Deixamos para traz um lugar que era o meu paraíso.

Na cidade onde viemos morar, minha mãe e quatro filhos, era diferente. As pessoas eram estranhas, não compreendia, mas tive que me acostumar. Logo minha mãe começou a trabalhar e ficávamos sozinhos em casa, eu com seis anos e meus irmãos com 5, 7 e 11 anos. Começamos a estudar e minha mãe dizia que nas férias poderíamos ficar na casa de nossos tios no interior. Aquela notícia era tudo para mim. Contava os dias para chegar esse momento. Minha expectativa era que se eu voltasse para lá no interior. Não precisaria nunca mais voltar para a cidade. Como eu era ingênua, não pensava que tinha que crescer. Achava que sempre seria criança.

Minha mãe trabalhava muito e nos víamos pouco, por isso sentia sua falta. Mas entendia que se ela não trabalhasse, não tínhamos o que comer e nem o que vestir. Minha mãe era uma guerreira e muito carinhosa. O pouco tempo que tinha conosco ficávamos sempre juntos. Aos poucos fui me acostumando com essa cidade tão grande e diferente.

Enfim chegaram as férias. Fomos todos para aquele lugar tão especial: a casa de meu tio. Quando descia do ônibus ia correndo sem parar pra chegar logo. Queria muito ver meu tio e ouvir suas histórias. Meus primos e eu brincávamos o dia inteiro. Minha tia era mais séria e tinha uma paciência conosco, fazia uma comida maravilhosa e um pão de casa que dava vontade de comer tudo.

Eram três meses no paraíso e não via o tempo passar, mas sabia que a hora de voltar para a cidade grande chegaria. Tinha um pavor quando minha tia dizia que estava na hora de arrumar nossas mochilas para ir embora. Quando chegava o dia difícil era aquela choradeira e minha mãe vinha nos buscar. O bom disso tudo é que a viagem era muito divertida.

Já faz trinta e sete anos que viemos embora e todas as vezes que volto para lá me sinto criança. Meu tio já é falecido e minha tia morou junto conosco durante algum tempo, ela e meus cinco primos, na cidade grande. Então, um pedaço daquele paraíso veio para perto de mim. Fiquei realizada, pois estava perto de quem mais eu gostava: minha tia preferida e os meus primos amados.

Ser mãe

Daiani Espindula Cristiano

Dizem que a mulher já nasce com o dom de ser mãe e cuidar de uma casa. Também sempre achei isso. Sou a primeira filha, depois de mim veio dois meninos. Quando criança, não era uma menina que brincava com bonecas, pelos menos não me lembro muito disso. Ao contrário, eu me lembro de gostar de brincar na rua e jogar futebol. Não gostava muito de ajudar a cuidar da casa. Minha mãe brigava muito comigo, mas não adiantava.

Aos 11 anos ganhei uma irmã e tudo começou a mudar. Comecei a gostar de ficar dentro de casa para ajudar a cuidar dela, mas não pude curtir muito isso. Passados uns três anos, meus pais se separaram. Minha mãe começou a passar uns dias fora, eu ficava cuidando da casa e dos meus irmãos. No começo até aceitei, mas um mês depois me revolttei com a situação, queria só sair. Já estava com meus 15 anos. Meus irmãos foram morar com meu pai e eu mal via a minha irmã e a minha mãe.

Meu pai se casou novamente e quando eu soube que a minha madrasta estava grávida resolvi ir morar com eles. Acompanhei toda sua gestação, cuidava quando precisava. Até parecia que eu era o pai.

Quando minha irmã nasceu, eu estava no hospital ansiosa para vê-la. Quando eu a vi e a peguei nos braços foi tão bom que eu queria que ela fosse minha. Parei de estudar para cuidar dela, mas isso durou só uns quatro meses. Depois disso, me mudei de cidade. Só alguns meses depois eles vieram morar comigo, mas eu estava trabalhando e estudando e, por fim, não tinha muito tempo para ficar com ela.

Quando fiz 19 anos conheci o pai do meu filho, namoramos por quatro meses e logo nos juntamos. Ele era mais velho e queria muito ser pai e eu, por conta das minhas duas irmãs, também queria muito isso. Passados alguns meses eu engravidei.

Quando soube que estava grávida foi a melhor sensação que eu já senti. Minha barriga demorou um pouco para crescer, mas eu já o sentia dentro de mim e descobri um amor tão puro e verdadeiro que nunca achei que existisse.

No dia 25 agosto 2005 fui ao hospital para um exame de rotina. Já estava de nove meses completos, mas não tinha dores ainda. Com esse exame, o médico descobriu que eu já havia perdido toda a água da placenta e que meu filho estava correndo risco de vida. Quando ele me contou, fiquei muito nervosa, pois tinha ido até o hospital sozinha e ficar sabendo que poderia perder meu filho me deixou muito angustiada. Eles resolveram fazer uma cesárea de emergência.

Quando fui para a sala de operação estava muito nervosa. Eles fizeram a anestesia e amarraram meus braços, o que me deixou mais nervosa ainda. Por causa disso, não conseguia respirar e fui entubada. Já estava ficando meio fora de mim, mas lá no fundo sabia que tinha que ficar lúcida até ver ele. Quando escutei o choro dele senti um alívio muito grande e olhar para o bebê foi melhor ainda. Depois disso devo ter desmaiado porque quando acordei estava na sala de recuperação e já sentia as minhas pernas. Não via a hora de ir para o quarto vê-lo. Quando ele chegou, pude sentir, tocar nele. Eu sabia que tinha nascido para ser mãe.

Hoje meu filho já tem nove anos e com toda a certeza eu sei que foi a melhor coisa que me aconteceu.

A distância do tempo

Alex da Silveira Dias

Quando percebi a distância aumentando
Saudade de um tempo tranquilo
Da infância, somente restam lembrança perdidas
Queria que, de repente, tudo fosse diferente

Ouvindo sons de grilo, pássaros cantando
Queria que de repente, tudo fosse diferente
Olhando o entardecer
Meus tempo de guri

Estou diante de um mundo confuso
Uma geografia perdida
Sinto-me distante
Há sempre um novo dia
Há sempre um chimarrão novo.

A busca pela felicidade

Fabiane Amaral de Lima

Apesar de vê-los desde pequena tendo um relacionamento ruim e violento, achava que com a separação iria ficar tudo bem. Aquelas brigas violentas acabariam, mas ocorreu ao contrário: ela passou a brigar comigo. Observava que minha mãe vivia uma grande angústia, que me fazia sofrer junto com ela. Acabei me tornando uma adolescente bastante carente.

Aos 19 anos engravidei e, embora já namorássemos há um tempo, ele não quis assumir e sugeriu um aborto. Perante isto, decidi que terminaria ali nossa história.

Desde então passei a lutar por aquela vida que estava crescendo dentro de mim. Tive o apoio da minha mãe, ela ficara bastante contente e motivada com a notícia. Para ela seria uma motivação para reagir à vida.

Minha filha tinha completado um aninho quando perdemos nossa casa. Vieram os oficiais de justiça e levaram tudo. Ficamos com alguns pertences pessoais e um fusca que nos serviu de abrigo por algum tempo.

Não tinha muito que fazer naquela situação. Minha mãe havia sido enganada e meu pai logo se apropriou da casa com sua nova mulher. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Até hoje, quando lembro, fica difícil não associar um relacionamento a um ambiente conturbado e triste.

Depois destes acontecimentos, minha mãe não conseguiu mais se equilibrar tanto psicologicamente quanto financeiramente. Ela entrou num marasmo e em uma depressão que até hoje não consegue superar. E eu? Como ficavam meus sentimentos? Ninguém parecia importar-se com eles! Não podia me desestabilizar. Eu tinha que ser forte.

Aos 20 anos passei a ter o volante de minha vida, pois me tornava órfão de pais vivos! Embora bastante jovem e inexperiente, em nenhum momento pensei em desistir. A missão de ser mãe já estava entranhada em minhas veias.

Antes do despejo acontecer, eu estava conhecendo um rapaz. Ele me procurou na casa onde eu já não estava mais, ficou preocupado e não desistiu de tentar me encontrar. Acabamos por nos encontrar, eu naquela situação, ele querendo me ajudar. Me perguntou se eu aceitava morar com ele na casa em que ele vivia com sua avó materna que o criou. Eu aceitei e com o tempo passei a amá-lo muito.

Aos três anos de idade, minha filha passou a receber as visitas do pai. Isto causou um impacto ruim no meu relacionamento. O tempo foi passando e foi acontecendo as mesmas brigas que agora se repetiam no meu relacionamento. Ele passou a ser preconceituoso com minha filha. Vieram as desavenças entre ele e minha mãe. Ela não tolerava que ele chamasse a atenção da minha filha, pois agora ela tinha pai.

Isto trazia muitas brigas entre nós. Foi se criando um ódio entre os dois e minha mãe foi se revoltando comigo. Eu já não conseguia mais reverter àquela situação e acabávamos brigando. Eu sofria muito com aquilo, gostava que minha mãe viesse em minha casa, mas, ela se afastava.

Veio a minha 2º gravidez. Ao dar a notícia a ele, eu estava bastante desanimada e assustada, pois passávamos por muitas dificuldades financeiras. Mas para ele foi uma felicidade que acabou por me contagiar, até nosso relacionamento passou a ser melhor. Entretanto, minha mãe não demonstrou nenhum sentimento quando soube da novidade. Passava os anos e aquele clima de brigas e desavenças entre todos insistia em permanecer.

Não aguentando mais, passei a viver em pânico, fiquei doente, uma tristeza profunda tomou conta do meu ser que me levou a um tratamento com remédios e terapias. Quando estava mais recuperada da doença, tomei uma das decisões mais difíceis.

Mesmo o amando, eu precisava me separar. O comportamento violento que ele estava constantemente mantendo estava afetando meus filhos. Mesmo sabendo que eu iria separar pai do filho, ainda seria o melhor para todos. O que importa é a busca pela felicidade. Não é certo manter um relacionamento que traz sofrimento e foi outra etapa difícil em minha vida, a de ter que fazer uma escolha.

Estava sozinha novamente. Embora as separações contribuíssem para que os pais dos meus filhos se afastassem cada vez mais deles, achava que poderia ser diferente. Isto me remete a forma que meu pai agiu ao se separar da minha mãe, parece que os filhos deixaram de existir.

Foi quando decidi vir embora para Sapucaia e tentar uma vida nova. Precisava nos afastar de tudo que nos trazia sofrimento. Acredito que quanto mais o ser for livre para expressar o que está dentro de si, mais ficará feliz e em paz consigo mesmo.

Em relação a minha filha, foi sempre difícil analisar as situações que nos afastou uma da outra. Ela cresceu sem que eu esgotasse nela todo meu afeto. Mas, você vai melhorando como pessoa e tudo é um aprendizado. Claro que ninguém quer sofrer com perdas, com dor e amadurecer dessa forma, mas é o que acontece.

Sabemos que mais cedo ou mais tarde iremos ficar órfãos dos próprios filhos, porque os filhos não são nossos e eles terão a liberdade de viver. Mas, o amor é o mais importante e nunca acaba. Por isso, é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que eles cresçam.

Não sou uma mãe serena: pego no pé, mas faço tudo por eles. Quem educa sou eu. De todos os momentos, hoje busco apoio em meu filho porque ele é muito unido a mim. Nós brincamos e conversamos muito e isto me faz sentir com muita animação.

Meus filhos iluminam minha vida! Ser mãe sempre contribuiu muito para que eu não desistisse.

Depoimento: Um fim para um recomeço

Luciana da Costa da Silva

Essa história é de uma pessoa como outra qualquer. Ele é hoje um homem de 34 anos, casado, com 2 filhos, emprego fixo, tem casa e carro, bem estabilizado. Mas, para ter chegado esse momento, muitas coisas aconteceram em sua vida. Assim, esse é o começo da sua história. Uma vida que teve vários sentimentos, amor, ódio, rancor, felicidade, esperança e fé. Essa é a história de um dependente químico que conseguiu mudar sua vida, uma vida que tinha tudo para ser perfeita, entretanto ele escolheu um caminho quase sem volta.

O caminho da droga começou quando ele tinha apenas 12 anos, com uma simples tragada em um cigarro. Depois passou pelo álcool, maconha, cocaína e por fim o crack. Drogas que quase devastaram sua vida e família. Na época tudo era bom: festas, gurias e drogas. Uma vida desregrada que quase custou sua própria vida, pois chegou a um ponto que não conseguia mais manter sua rotina. Trabalhava e adquiria suas coisas e dava orgulho para sua mãe. Ela que sempre lhe deu tudo, deu todo o suporte que qualquer criança precisava para ser um grande homem. Mesmo assim, a droga lhe tirou tudo isso.

A droga o levou até o fundo do poço que parecia não ter fim, pois ele não tinha mais forças para sair dele sozinho. O pesadelo terminou com uma luz divina. Ele se acordou e resolveu que era hora de mudar essa história. Um amigo disse a ele que existia uma fazenda de recuperação para dependentes químicos. Ele resolveu ir até ela, pediu ajuda para um tio para que o levasse até lá.

Ele pegou 2 ou 3 peças de roupas que tinha sobrado e foi sem saber, sem conhecer o que estava por vir. Era uma fazenda para dependentes químicos que queriam mudar de vida. Lá ele começou a ver a vida por um outro ângulo. Viu que aquele poço que ele mesmo

cavou poderia ser tapado, não só com terra, mas com esperança que lhe foi dada. Essa oportunidade só dependia dele, para superar e aprender com pessoas que nunca tinha visto antes. Elas acreditavam que aqueles jovens eram capazes de mudar sua vida.

Não foi fácil. Foram 9 meses aprendendo sobre sua doença, sobre suas limitações e aprendendo que depois desse tempo que lá passou não era o fim de sua caminhada, mas o começo. Ela iria durar o resto de sua vida. Ele também aprendeu uma dura estatística sobre a dependência química: entre 10 dependentes químicos apenas 1 ficaria bem durante 2 anos. Então ele pensou: “Vou ter que ser esse 1, porque se não, de nada valeu.” Esse tempo que passou foi depositado muita esperança não só por ele, mas por todos que acreditavam e o apoiavam.

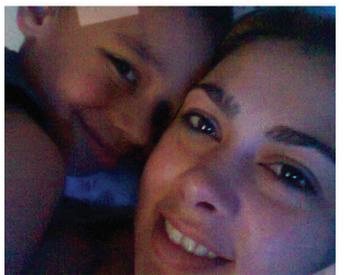
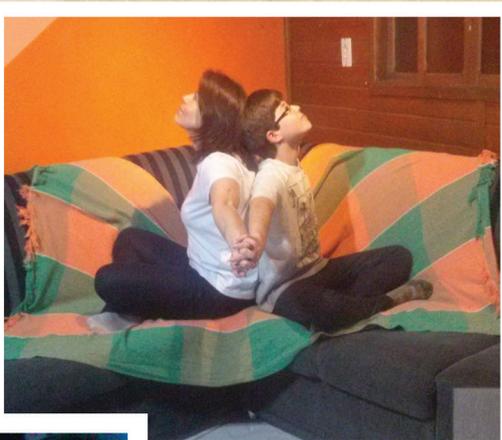
Em um certo tempo na fazenda teve uma crise e ele estava disposto a abandonar tudo, mas um monitor foi conversar com ele. Disse: “Cara, me diz uma coisa. No tempo de sua vida de droga, quantas pessoas eram usuários com você?”. Ele respondeu “Acho que umas 30”. O monitor retrucou “Então, hoje quantas dessas estão procurando uma recuperação? Acho que o Homem lá de cima gosta muito da você, pois desses 30, ele pegou só você e o trouxe aqui”. A partir desse momento ele refletiu e ficou até o fim do tratamento.

Agora, depois de 8 anos de recuperação, ele se vigia todos os dias, leva uma ótima vida graças a ele e as pessoas que o ajudaram e confiaram nele. Então, ele diz que a vida que tem hoje é mais ou menos a metade da caminhada que irá durar até o fim da sua vida. Seu nome é Fagner Mazza, 34 anos.

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas 

Alex da Silveira Dias
Carlos Martins da Silva
Daiani Espindula Cristiano
Darlise Nunes da Silva
Fabiane Amaral de Lima
Ivan Prates
Izabel Eliane Marion Valim
Junior Cezar Dourado de Araujo
Luciana da Costa da Silva
Marize Dias Bica Ferreira
Nara Regina Prestes Carlotto
Paulo Afonso Guterres Marques
Rita Cristiane Nunes de Oliveira
Rosane de Almeida da Silva



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE
Câmpus Sapucaia do Sul



Curso Técnico em
Administração